

Carta do Pe. Silvestre Kizema ao Pe. M. Mycielski

Publicamos a primeira carta do primeiro missionário basiliano vindo ao Brasil, padre Silvestre Kizema. Datada em 8 de agosto de 1897, a dirige-se ao “superior provincial”, sem mencionar o seu nome. Era o período imediatamente após a reforma de Dobromyl (1882-1904) em que a Ordem Basiliense, por determinação da Sé Apostólica, passou por uma remodelação conduzida pelos interventores padres jesuítas. Os superiores provinciais eram, na época, jesuítas. No ano de 1897, até o mês de setembro exerceu o cargo de superior provincial o Pe. Gabriel Szczepkowski, SJ e, a partir desse mês, o Pe. M. Mycielski, também jesuíta. Fica a dúvida ao qual dos dois o padre Kizema se dirige. A carta relata as dificuldades encontradas pelo padre para obter a licença do bispo de Curitiba (D. João Braga, na época) para o exercício do ministério entre os imigrantes ucranianos no Paraná, como também retrata as condições de vida nos inícios da emigração.

A carta foi escrita em polonês, assim como uma segunda enviada logo em seguida, e se conserva no Arquivo da Companhia de Jesus em Cracóvia, Polônia. Utilizamos, nesta tradução para o português, a tradução ucraniana feita pela sra. prof. Natália Rybak, que por sua vez usou uma cópia do original. A cópia encerra alguns problemas de leitura, sendo até ilegível em alguns pontos. As lacunas de uma ou algumas palavras assinalamos com (...). Trechos ilegíveis mais longos, de algumas linhas, são registrados pelo número de linhas omitidas.

Reverendíssimo padre provincial!

(seis linhas ilegíveis)

Na minha última carta, escrita no Rio de Janeiro, eu informava que acompanhei de forma particular o internúncio¹ para o (...), que devia telefonar para o bispo de Curitiba, recomendando-lhe para não me criar nenhuma complicação e também me garantia a sua ajuda quando fosse necessário. Por conseguinte, eu me dirigi a Curitiba com boas expectativas. Cheguei em Curitiba no dia 21 de junho, às 7 horas da tarde, e no dia seguinte, antes do meio-dia, estive com o bispo. Qual foi a minha surpresa, quando vim a saber que não havia nem o telegrama do internúncio nem a carta de Roma. Antes que pudesse saudá-lo, o bispo me atalhou: “como não tens contigo a carta de recomendação de Roma, não posso aceitar-te; volta para a Europa e boa viagem!” Apesar de eu garantir-lhe que a Propaganda² tinha sido comunicada sobre a minha vinda ao Brasil e que eu esperava que a carta de Roma chegasse antes de mim e não obstante as minhas ponderações de que o núncio provavelmente se esqueceu de passar o telegrama, tudo em vão. Eu ouvia a mesma resposta: “Volta para a Europa”. Eu saí e telegrafei ao internúncio, dizendo que o bispo não recebeu o telegrama e pedi para que desse disposições o que o bispo devia fazer comigo. Comunicando o bispo sobre isso, pedi que me desse abrigo e sustento até que a situação fosse esclarecida pelas autoridades. O bispo, ao ouvir as minhas palavras, mudou um pouco sua atitude, mas o sustento não me concedeu e eu tive de pagar o hotel

¹ “Internúncio” era um núncio apostólico “internacional”. Até o final do século XIX estava sediado no Rio de Janeiro um núncio para diversos países sulamericanos. Em 1902, foi criada a Nunciatura Apostólica exclusiva para o Brasil. Na chegada do padre Kizema, o “internúncio” era provavelmente D. Girolamo M. Gotti.

² Trata-se da Congregação Propaganda Fide, dicastério naquele tempo responsável pelas Igrejas de rito oriental.

por conta e isso me saiu caro. Tudo aqui é muito caro e meus recursos se esgotaram. Esperei ainda três dias em Curitiba, mas o telegrama não chegou. Todo esse tempo, várias horas por dia, o bispo me retinha em sua residência e de todas as maneiras procurava me explicar que o rito grego (bizantino) é uma novidade no Brasil, que os brasileiros nunca o viram e o estranham (isso é total inverdade!), que os rutenos vieram para cá onde domina o rito latino, por isso devem se adaptar a ele, que ele escreveu sobre esse assunto a Roma faz oito meses e que Roma não responde às suas perguntas, que os rutenos (ucranianos) não precisam de sacerdotes aqui, que devem aprender o português e terão daí sacerdotes brasileiros, que ele não pode permitir que no Brasil haja um novo rito e coisas assim. Em uma palavra, poder-se-ia concluir de suas palavras que ele não queria admitir padres ucranianos no Brasil, e não lhe importava que milhares de almas estivessem se perdendo, contanto que o Brasil não se perdesse. No terceiro dia, sem ainda ter recebido o telegrama e não tendo mais com que pagar o hotel, retirei-me para o Abranches, a 7 quilômetros de Curitiba, hospedando-me na casa do padre Niebiesczanski da Bélgica, sob cujos cuidados eu fiquei naqueles dias. Com muito custo consegui que me permitissem celebrar a Santa Liturgia e confessar os ucranianos (falar homilia ele não me permitiu). No quinto dia chegou o telegrama do núncio favorável a mim. O bispo disse que agora é obrigado a me aceitar, que eu vou para Prudentópolis, porém não sozinho, mas acompanhado de um sacerdote brasileiro, que será meu superior e eu serei seu coadjutor. Ao mesmo tempo, marcou-me o dia e a hora quando deveria me apresentar a ele com os devidos papéis. No dia seguinte, as coisas tomaram outro rumo. Veio uma carta da Propaganda endereçada ao bispo com a disposição de que eu devia assumir a missão ucraniana nas províncias do Paraná e Santa Catarina. Em base dessa carta, o bispo entregou à minha disposição essas duas províncias e expediu um devido decreto, mas percebi que isso não era do seu agrado, pois nem sequer quis me ver, mas somente me avisou por um encarregado que meus papéis estão com o secretário e eu posso apanhá-los. Foi somente através do secretário que eu vim a saber como as coisas mudaram de feição e ao mesmo tempo me comunicaram que eu devia percorrer as duas províncias e resolver todas as coisas. Como foram entregues à minha direção essas duas províncias, me disseram também que o padre Rozdolskyi agora se submete a mim, e por isso devo lhe escrever para que volte para a Hlytchyná, pois ele é viúvo e não tem permissão de Roma para aqui permanecer. Pedi para que deixassem-no ficar comigo até quando viessem para cá mais padres ou ele não recebesse essa permissão de Roma, porque não é possível acreditar que eu possa percorrer tão só o próprio Paraná, sem possuir nenhum recurso. Aceitei de imediato a jurisdição que me foi outorgada, não mais me encontrando com o bispo e me pus ao longo caminho, me detendo por alguns dias em vários lugares, para pregar e atender às confissões. Ao bispo eu escrevi comunicando-lhe o meu plano de visitar ambas as províncias, mas não recebi dele nenhuma resposta. Mas me parece que não poderei tão longo percorrer as províncias, pois não tenho recursos para isso, e viajar aqui é muito dispendioso e complicado, uma vez que é preciso viajar às vezes de carroça, às vezes a cavalo, ou de trem ou atravessar rios, subir montanhas, descer precipícios e ravinas.

Existem no Paraná e (...) ³ mais de 30 mil ucranianos e vêm (lacuna de 7 linhas), mas eu escolhi Prudentópolis, porque lá o povo é muito pobre e totalmente abandonado. Não será fácil para mim chegar até lá e somente (...) cheguei até lá. Fui recebido muito bem, mas encontrei uma realidade deprimente. Parece-me que não há distrito algum da Halytchyná do qual não haja gente aqui, mas é na sua maioria escória, desprovida de dignidade e fé. Fiquei preocupadíssimo e não sabia se ficaria ou iria embora. Entregando-me à vontade de Deus, comecei meu trabalho com uma missão de quatro dias, a fim de prepará-los para a confissão. Isso não agradou ao demônio que me fez malvadezas na pele de alguns brasileiros pervertidos, mas Deus nos abençoou, pois o povo, como é costume entre

³ Supõe-se Santa Catarina.

os galicianos, caiu em si e mudou de comportamento, e eu tenho de ficar ouvindo confissões por longos dias, tanto que às vezes fico sem forças. Estou morando numa casa, junto com o cantor⁴; quase não tenho ganhos, vivo somente das ofertas, mas agora as ofertas estão crescendo cada vez mais. Com o povo agora posso fazer o que quiser. Conquistei as simpatias até dos protestantes e dos muçulmanos. Os brasileiros me respeitam muito, propõem-se a garantir minha subsistência, contanto que eu não os abandone. O nosso povo passa no momento muitas necessidades, mas dentro de um ano a situação vai melhorar, ficará muito melhor, se dedicarem-se ao trabalho. Prudentópolis é uma colônia muito grande, 40 milhas (65 km) ao redor; uma rua tem de 5 a 7 milhas de extensão, mas não é rua e sim uma trilha no meio da mata, e somente no lombo do cavalo ou da mula é possível percorrê-la, através de perambeiras que te causam tremedeira. Caminhando ao longo dessas estradinhas, para resolver os assuntos, eu preciso de uma a duas semanas. O clima aqui é muito saudável. No inverno, de dia é quente e à noite cai geada que até congela a água; me incomoda muito o frio pois não há lareiras, nem janelas, e as casas são de madeira, na verdade casebres. No verão faz calor, mas não muito forte, porque o Paraná está situado num planalto, acima do nível do mar. O futuro da nossa missão aqui é maravilhoso. Na própria Prudentópolis, não posso de forma alguma dar conta sozinho de todo o trabalho, e para ir a lugares mais distantes, sozinho não posso. Tomando conhecimento da situação, peço, reverendíssimo padre provincial, tende piedade desse pobre povo e de mim. Peço encarecidamente enviar para cá mais sacerdotes, no momento pelo menos quatro, e o quanto mais depressa. Dois têm de ficar em Rio Claro e tomar conta de um território gigantesco, outro tem de ficar em Curitiba ou nos arredores de Curitiba; este também terá pela frente um grande território, mas terá melhor comunicação. Um (padre) peço para ser meu companheiro em Prudentópolis, porque estou aqui sozinho e não tenho nenhum contato nem conhecimento com algum sacerdote brasileiro. Além disso, em cada linha⁵ deveria haver pelo menos uma capela, porque é difícil ao povo caminhar tantas milhas até à cidade. No momento estou construindo uma capela na cidade e duas filiais em dois lugares distantes 3 milhas (4,8 km). Além disso, em cada linha estou abrindo um cemitério com uma capelinha, pois não convém carregar o morto tantas milhas, através da mata, para outros lugares, porque às vezes era necessário carregá-lo até por dois dias (!). No momento presente estou percorrendo as linhas e resolvendo os assuntos espirituais, mas para percorrer a cavalo uma só linha preciso de uma ou até duas semanas⁶, pois por essas estradinhas só pode passar um cavalo ou uma mula. Se for possível, eu pediria para Prudentópolis o padre Martyniuk e o irmão Hosrostchuk⁷, o qual seria o carpinteiro de que tanto necessito para as construções e para os serviços domésticos, pois não possível, por dinheiro algum, encontrar um ecônomo por aqui. Mas sobretudo peço, na medida do possível, conseguir de Roma:

1. A licença para criar casas de missão em Prudentópolis, Rio Claro e Curitiba ou nos arredores de Curitiba, e que o bispo de Curitiba fosse comunicado sobre isso.

2. Para que a Propaganda (Fide) assumisse a nossa missão sob sua jurisdição.

3. Para que a todas as casas (a Propaganda Fide) desse uma ajuda, pelo menos durante três anos, na soma de 6000 francos para as viagens missionárias. Se isso não for possível, pelo menos pague a viagem da Halytchná para o Brasil (700 *zloti*⁸ por pessoa, além do enxoval).

4. Que nos concedesse por escrito os privilégios de missão.

⁴ Em ucraniano “diak”: cantor oficial nas celebrações litúrgicas.

⁵ “Linha”: é assim que o povo convencionou chamar as estradinhas no interior do município - que o padre chama de “ruas” – ao longo das quais se dispuseram as moradias dos imigrantes.

⁶ Quer dizer: para atender todos os moradores de uma linha, leva todo esse tempo.

⁷ Os dois efetivamente vieram no ano seguinte (1898).

⁸ Moeda polonesa

(lacuna de 8 linhas)

Comprei na cidade um lote (...) para as construções, talvez adquira mais um ao lado dele (...) reservar aqui um espaço para a escola. Distante da cidade 2 milhas (3, 20 km) compraram para mim (...) ⁹ que tem 250 m de largura e um quilômetro de comprimento. A terra lá é excelente e está sendo feita uma chácara e, ao lado, está sendo construída uma igreja-filial. Um brasileiro rico nos doou ao lado (...) sua própria chácara com uma roça: “roça” é um terreno pronto para o cultivo, e da melhor qualidade; ele próprio, neste ano, irá ará-lo, semear e fazer a colheita. Eu ganhei dos brasileiros para essa chácara uma vaca e um cavalo de montaria. Além disso, os brasileiros abastecerão a chácara de todas as coisas e prometeram por dois anos contribuir para a sua manutenção. Os brasileiros se preocupam para que a chácara produza o quanto antes e investem nela não pouca coisa. Ao lado dela há um terceiro terreno: penso comprá-lo pois está à venda. O nosso povo, mesmo sendo pobre, é generoso: para o meu sustento fazem coletas, trabalham na chácara, limpam o mato, fazem derrubadas no entorno, trabalham sem parar. Do outro lado da cidade, onde deverá ficar outra filial ¹⁰, também vou começar a fazer uma chácara e em outras linhas, onde deverão localizar-se os cemitérios, também tenho de ter chácaras nos terrenos. Se eu tivesse comigo um irmão ¹¹, que pudesse se ocupar disso (mas tem de ser marceneiro) eu poderia comprar muita terra, porque no momento ela é barata. Na espera de que certamente haverá aqui uma casa de missão, eu faço bons investimentos para termos um meio de vida garantido, porque o nosso futuro aqui é promissor. Por isso, é preciso dedicar-se às coisas com empenho, de outra forma pode-se esperar muitas surpresas negativas. Até agora não tive nenhuma surpresa, embora não chore, porque os inícios estão sendo difíceis para mim.

Para a escola eu preciso de pelo menos duas Irmãs Servas, mas para daqui um ano, para antes construir para elas uma casa e providenciar sua manutenção. Será muito bom para elas aqui e é muito grande o trabalho que espera por elas, porque tudo aqui é selvagem, as crianças crescem como bezerrinhos. Os próprios brasileiros garantirão para elas a manutenção, pois pedem uma escola para que as crianças aprendam ucraniano e polonês. Pediria que designassem pelo menos duas delas e que, nesse tempo, estudem a gramática portuguesa e quando estiver tudo pronto eu escreverei e procurarei custear-lhes a viagem.

A paisagem aqui, apesar das matas e grotas, é linda e o clima é muito saudável, mas não é possível comprar nada, a não ser trazer da Europa. Pediria duas batinas leves para o verão, porque não dá para aguentar nas batinas de lã e não é possível mandar costurá-las aqui, porque não existe nem tecido nem costureiro. As medidas devem ter alguns dos (irmãos) costureiros. É melhor enviá-las pelo correio, embrulhando-as com um pano. Pagar por elas não posso, porque vivo de donativos, pagarei apenas a taxa de correio, a qual é do mesmo modo incrivelmente alta. Se Deus ajudar e as coisas melhorarem, um dia as retribuirei. Os padres que vierem para cá devem trazer as coisas adaptadas para o verão e para o inverno, até um bom cobertor, porque não é possível conseguir coisa alguma por aqui. Devem trazer consigo também tudo o que é necessário para as celebrações litúrgicas, até ampolas e jarras, porque nada disso é possível comprar por aqui. O país ainda é selvagem, apenas agora está se desenvolvendo, porém no solo existem infinitas riquezas, mas tudo está intocável e ninguém mexe nela nem com um dedo. Na própria Prudentópolis há muita riqueza, até pequenos diamantes aparecem na superfície da terra, mas ninguém se importa com isso; essas riquezas não têm muita procura por parte dos brasileiros, porque eles têm suficientes provisões de seus campos de cultura sem o menor esforço, e não têm vontade de ocupar-se com outro trabalho.

⁹ Entende-se um terreno.

¹⁰ Entende-se: igreja-filial.

¹¹ Está se referindo ao irmão leigo religioso, popularmente chamado de “frade”.

Por ora é só, nesta primeira carta. Se Deus me der saúde, em breve escreverei cartas com mais frequência, na medida em que é possível escrever cartas com frequência do Brasil. Peço uma vez mais resolver aqueles assuntos o mais rápido possível. Recomendando-me às vossas orações, permaneço:

Vosso filho fiel em Cristo Jesus,

Silvestre Kizema

Prudentópolis, 8/8/1897